

Adaptabilidade Humana: o movimento das águas movimentado a vida das famílias moradoras do bairro Santa Rita de Cássia – PIN/AM

LIMA, Mayara Viana de¹

Universidade Federal do Amazonas

NODA, Sandra do Nascimento²

Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Este artigo objetiva **detalhar as estratégias e ações de adaptabilidade humana realizadas pelas famílias moradoras da área alagadiça** do bairro Santa Rita de Cássia, na cidade de Parintins, especificamente segundo um estudo de caso. Isso porque a cada ano os índices de subida das águas fluviais na cidade têm sido elevados, influenciando em transformações no ambiente e na vida dos moradores. O estudo foi pautado na dialética da complexidade sistêmica e a coleta de dados a partir de: Pesquisa Bibliográfica, Pré-teste, e Pesquisa de Campo. Tendo a Entrevista, o Estímulo aos desenhos, e o Diário de campo como técnicas utilizadas na pesquisa de campo. A partir do estudo percebemos como apesar de haver comportamentos de moradores em vista de prejudicar o ambiente, existe também comportamentos em vista de transforma-lo em um lugar melhor de se viver.

Palavras-chave: Áreas alagadiças citadinas. Movimento das águas. Estratégias de adaptabilidade.

Abstract

This article aims to detail the strategies and human adaptability actions carried out by families living the swampy area of the neighborhood Santa Rita of Cassia, in the city of Parintins, specifically according to a case study. That's because every year the river water rising rates in the city have been high, influencing transformations in the environment and the lives of residents. The study was guided by the dialectic of systemic complexity and data collection from: Bibliographical Research, Pre-test and Field Research. As the interview, the stimulus to the drawings, and the field diary as techniques used in field research. From the study we perceive as though there behaviors of locals in order to harm the environment, there is conduct in view of transforming it into a better place to live.

Keywords: Marshy areas city. Water movement. Adaptability strategies.

¹ Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA (mayaravianadelima@gmail.com)

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA.

Introdução

Este trabalho é parte de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA – UFAM), desenvolvida entre os anos 2014-2016. A dissertação teve o intuito de analisar a percepção ambiental dos moradores da cidade de Parintins acerca da dinâmica do movimento das águas.

Como a cidade de Parintins (AM) no período da cheia é afetada com a subida das águas, elas incidem sobre as ruas de alguns de seus bairros. A cada ano os índices de subida das águas fluviais na cidade têm sido elevados, influenciando em transformações no ambiente e no cotidiano de vida dos moradores.

O bairro escolhido para a pesquisa foi o Santa Rita de Cássia, tendo como universo de estudo, os seus moradores. Além disso, foram entrevistados três moradores do bairro de Palmares considerados “historiadores”, pelo fato de residirem a tempo significativo na área.

Para este trabalho temos como objetivo detalhar as estratégias e ações de adaptabilidade humana realizadas pelas famílias moradoras da área alagadiça do bairro Santa Rita. Busca-se enfatizar o movimento das águas a partir do qual o bairro Santa Rita de Cássia sofre transformações, exigentes de estratégias e ações de adaptabilidade.

E a estrutura deste trabalho está organizada em: *Estratégia Metodológica*, tendo com resultados e discussão os tópicos: *Adaptabilidade humana: estratégia de vida; Mantendo o assoalho acima d'água: estratégias de adaptabilidade realizadas em vista das cheias*, falando da *construção das casas em áreas alagadiças*, e do uso da *madeira para maromba e suspensão*. Destaca-se ainda acerca *Do plantar suspenso: estratégias de adaptabilidade em vista da contemplação*, é quando fala-se da atividade do *plantio suspenso*. Ao final, têm-se as *Conclusões*.

Estratégia Metodológica

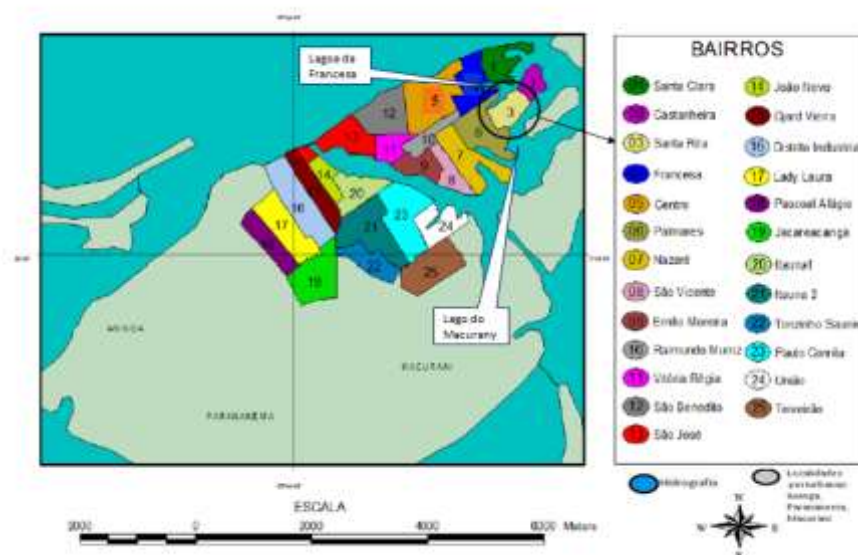
Foi realizado um estudo de caso (Yin, 2010) no bairro Santa Rita de Cássia (Figura 01) pautado na abordagem teórica da dialética da complexidade sistêmica (Morin, 2010).

A coleta de dados seguiu um esquema geral a partir de:

a) Pesquisa bibliográfica: foi realizada a partir do levantamento e leitura do material escrito em acordo com os objetivos da pesquisa; b) Pré-teste: foi realizado com dois moradores do bairro, pré testando a aplicação das técnicas e evidenciando as mais adequadas a serem utilizadas para o levantamento de dados em campo. Os sujeitos alvo do pré-teste foram selecionados aleatoriamente, sendo excluídos do total dos entrevistados; c) Pesquisa de campo: foi realizada a partir de cinco visitas mensais, de maio a setembro do ano de 2015, à

área de estudo com duração de 12 dias cada visita. Nas visitas foi feito o levantamento de dados primários junto às famílias moradoras do bairro Santa Rita e dados secundários relevantes à pesquisa.

Figura 01 - Mapa da composição em bairros da cidade de Parintins. AM/BR



Fonte: Adaptado de Souza, (2013). Dinely, (2013, org.).

As técnicas utilizadas para o levantamento de dados na pesquisa de campo foram Entrevista (ALBUQUERQUE, et al., 2010, p.43) seguindo roteiro temático prévio de perguntas em acordo com os objetivos, aplicada com os moradores do bairro. Estímulo aos desenhos (ALBUQUERQUE, et al., 2010, p.471), foi solicitado aos moradores dispostos a tal ação a realizar um desenho representativo do local de moradia em acordo com o movimento das águas e tecer seus comentários acerca do desenho realizado. E Diário de campo (ALBUQUERQUE, et al., 2010, p.48) sendo o registro escrito e observações feitas quando da aplicação das técnicas de pesquisa de campo.

A coleta de informações seguiu o preceito da replicação (Yin, 2010, p.78) para visualização da realidade vivenciada pelos sujeitos sociais, sendo considerada suficiente quando da ocorrência da repetição em nível de informações durante a aplicação das técnicas utilizadas para a pesquisa de campo.

Adaptabilidade Humana: estratégia de vida

É suficientemente conhecida a importância do elemento água no âmbito da percepção sensorial. A água é um dos símbolos reconhecidamente mais importantes do ambiente no habitat citadino. “Mais do que produzir meras satisfações visuais, a água costuma ser responsável por um amálgama de experiências sensoriais que envolvem os cinco sentidos” (CASTELLO, 1999, p.28).

De acordo com Sternberg (1998, p. 14), “[...] a água constitui o elemento da paisagem, através do qual mais agudamente se sentem as vinculações do homem com o meio”. Nesse sentido, entende-se a relevância do estudo da adaptabilidade humana em relação ao movimento das águas para entendermos a percepção ambiental dos seres humanos vivenciadores da experiência do habitar em ambientes alagadiços, em especial no âmbito citadino.

Nessa interação, o ambiente apresenta-se como realidade transformada e adaptada às necessidades humanas, os ambientes citadinos se caracterizam por um processo de complexa transformação e instabilidade (FERRARA, 1999, p.62). “Uma das características mais notáveis das populações humanas é que elas são admiravelmente adaptáveis [...]” e “o estudo da adaptação humana está centrado em características funcionais e estruturais das populações humanas que as auxiliam a enfrentar alterações ambientais e condições de grande estresse” (MORAN, 2010, p.23).

No estudo referente à adaptabilidade humana a partir dos preceitos de Moran (2010, p. 384-385), entende-se:

[...] Os seres humanos encontram-se envolvidos em um processo constante de interação dinâmica com o meio que os cerca. Como espécie, enfrentamos problemas com diversos graus de complexidade. Um tipo de estresse prevalecerá, às vezes, enquanto, outras vezes, temos de nos ajustar a diversos obstáculos de natureza bastante distinta. As respostas a esses obstáculos nem sempre representam as ‘melhores’ opções, mas expressam ajustes entre as várias pressões exercidas sobre o organismo [...]

Os ambientes citadinos, assim como os rurais, também sofrem influência do movimento das águas. Autores, como Junk (1980, p.775), utilizam a teoria do pulso de inundação quando o tema tratado é áreas inundáveis. Segundo o teórico, o pulso de inundação constitui-se na principal força responsável pela existência, produtividade e interações da maior parte dos seres vivos em sistemas lóticos (rios e riachos) de planícies de inundação.

Segundo Morin (2011, p.67) o conceito de adaptação toma o sentido complexo, tornando-se integração de uma (auto)-organização numa (eco)-organização. O autor acrescenta:

A adaptação surge-nos então como o efeito da aptidão de um ser vivo, não somente a subsistir em determinadas condições geofísicas, mas também a construir relações complementares e/ou antagônicas com outros seres vivos, a resistir às concorrências/competições e a enfrentar os acontecimentos aleatórios próprios ao ecossistema no qual se integra. Dado que o ecossistema varia e transforma-se, e que a própria noção de adaptação varia e transforma-se.

Os seres vivos elaboram estratégias de adaptação para viver e vivem para adaptar-se. “[...] A aptidão para adaptar-se/adaptar faz intervir o que era invisível no âmbito da noção única de organismo: um ser auto-organizador que elabora estratégias de vida, de inserção, de luta etc.” (MORIN, 2011, p.65) Nesse sentido, a adaptação é entendida como estratégia de vida dos seres vivos, elaborada a partir de uma capacidade de viver em um universo organizado comportando risco e incerteza e isso permite o desenvolvimento correlativo das estratégias cognitivas e das estratégias de comportamento (p.81).

A adaptabilidade humana é uma estratégia de vida das famílias moradoras de áreas alagadiças de ambiente citadino. De forma didática apresenta-se a diversidade de estratégias de adaptabilidade desenvolvidas e desempenhadas pelas famílias moradoras da parte mais baixa do bairro Santa Rita de Cássia, a área de incidência das cheias.

Assoalho Acima D’água: estratégias de adaptabilidade em vista das cheias

As entrevistas revelaram ações de adaptabilidade componentes do modo de vida das famílias moradoras das áreas alagadiças do bairro Santa Rita de Cássia, são os membros dessas famílias os principais conhecedores dessas estratégias e ações, pois eles vivenciam-nas no seu cotidiano.

O lar: construção das casas em áreas alagadiças

Por ser uma área propícia à incidência das cheias, pode-se observar a adaptabilidade humana a partir da construção das casas das famílias ali habitantes. São casas de tipo palafita. As palafitas dessa área correspondem a um tipo de habitação de madeira construída sobre troncos ou pilares também de madeira, os esteios sustentadores e mantenedores das casas suspensas. Esse tipo de construção é comum em áreas alagadiças, locais onde as águas

fluviais elevam em nível nas cheias, a estrutura da palafita deixa a casa em uma determinada altura visando o não alcance da água (Figura 02).

Figura 02 – Representação fotográfica da casa palafita, final do período de cheia (A). Detalhe casa palafita (B). Bairro Santa Rita de Cássia. Cidade de Parintins. AM/BR

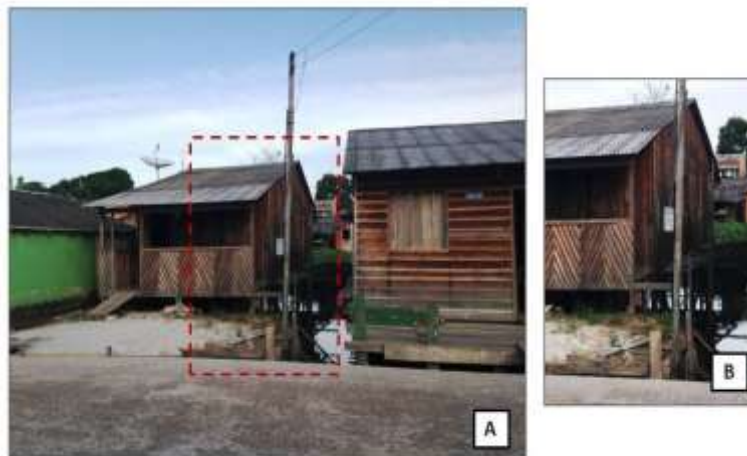
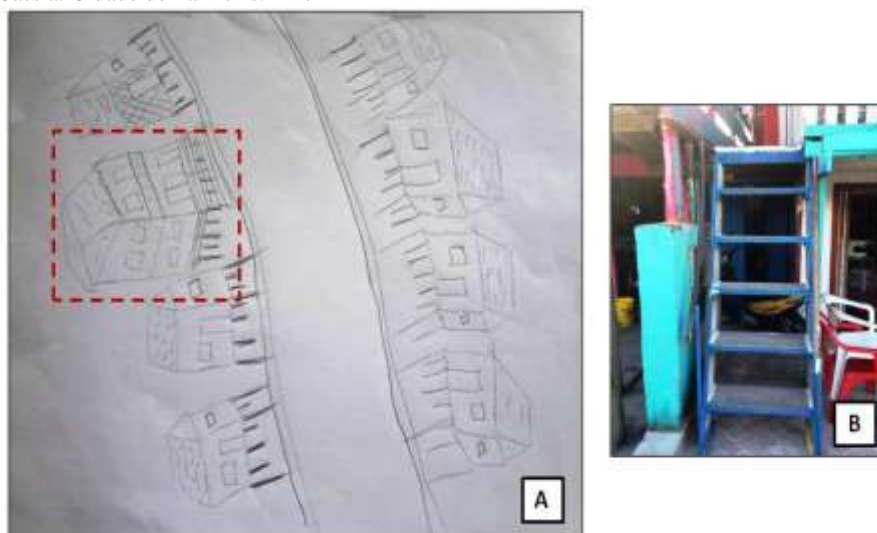


Foto: Mayara Lima, 2015

Algumas das casas caracterizam-se por palafitas possuidoras de dois andares. A casa de dois andares representa também uma estratégia de adaptabilidade (Figura 03).

Figura 03 - Mapa cognitivo representativo do lugar de moradia com representação da palafita de dois andares (A). Detalhe da escada de acesso ao andar de cima da palafita (B). Bairro Santa Rita de Cássia. Cidade de Parintins. AM/BR



Desenho: Sra. A.O.C., 35 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015 (A)
Foto: Mayara Lima, 2015 (B)

Com a subida das águas, as famílias moradoras dessas casas permanecem morando no andar de cima, tendo o andar de baixo afetado pela incidência das águas. Esse andar de

baixo é utilizado por todo o período da seca, mas na cheia as atividades desenvolvidas nele são prejudicadas:

Minha casa é de dois andares, quando enche eu permaneço nela porque eu moro lá em cima. O que mais me prejudica é o meu trabalho porque eu tenho o ateliê (para costura e fabricação de roupas) aqui em baixo (andar de baixo da casa). Quando enche eu tenho que alugar outro local para continuar trabalhando (Sra. A.O.C., 35 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

A partir do dístico, nota-se como o andar de cima da casa possui significado para a moradora. O andar de cima é onde se mora, onde os móveis e objetos importantes para a família são alocados, isto é, a moradia é definida como o lugar “seguro” em relação à cheia, onde o assoalho não irá inundar. O andar de baixo apesar de ser o local de trabalho, é visto como secundário, um espaço de certa insegurança, pois se sabe da possibilidade da água inundar o assoalho no período da cheia.

A família possui “laços afetivos com o meio ambiente material” (TUAN, 2012, p.135) do segundo andar da casa. Entendido como lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências, pois “em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra” (p.162).

O mapa cognitivo apresentado, de acordo com a moradora, representa um dado recordatório do local de moradia dela antes de ser realizada a concretagem na rua. Ela destacou como, antes desse processo, os esteios das casas ficavam todos à mostra, em um nível de altura superior ao da rua. Por isso, ao desenhar, a mesma passou o lápis de forma mais intensa nos esteios, destacando-os. Além disso, a sua casa é uma das poucas de dois andares, e ela se sente orgulhosa ao falar sobre isso (Figura 03).

O orgulho da moradora expressa a problemática do processo de ocupação do espaço. Por ter sido “invadido”, a ocupação se deu de forma desordenada, ficando as casas com suas janelas e portas muito próximas umas das outras, com nível de privacidade baixo. Assim, ter uma casa de dois andares não representa apenas a segurança em relação às cheias, mas representa também um nível maior de privacidade em relação às demais casas, além disso, oferece o prazer da vista e da ventilação.

A madeira: da maromba à suspensão

As famílias moradoras não possuidoras de casas de dois andares possuem duas outras estratégias em relação à preparação da casa para o período da cheia, a maromba e a suspensão. Quanto à maromba, caso a água inunde o assoalho da casa esse processo é feito

construindo-se um assoalho de forma provisória em um nível mais alto em relação ao da água. Esse conceito de maromba é entendido a partir dos dísticos dos moradores:

Maromba é um assoalho provisório de madeira que a gente faz para se defender da água (Sr. F.B., 75 anos, Bairro Palmares, PIN/AM, 2015).

A gente faz todo ano com as tábuas quando vem a cheia. É como assoalho, para esperar a água descer (Sra. I.B., 66 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

A madeira possui relevância para as famílias moradoras, pois com ela realizam-se atividades essenciais: constroem-se as casas, são feitas as marombas, pontes provisórias e permanentes e os canteiros suspensos. Ela é viabilizadora da construção material das estratégias de adaptabilidade dessas famílias moradoras. Sua importância é nitidamente visualizada quando sempre se percebe uma madeira em reserva na casa, localizada seja em frente, nos fundos, ao lado, ou dentro dela (Figura 04). Essa reserva representa uma estratégia de adaptabilidade recursiva, pois a cada nova cheia vai ser necessário madeira para manter a casa em pé, fazer maromba, pontes e canteiros.

O morador destaca acerca do uso da madeira reserva:

Temos que juntar madeira. Um vizinho pede do outro para fazer uma ponte, eu tenho um monte aí de baixo da casa, aí do lado, que eu vou acumulando quando eu vou trocando a madeira da minha casa, então, eu já mando serrar aquela parte que está podre e mando deixar aquela parte boa, já pensando na enchente, porque a minha visão não é tanto eu, não é tanto o vizinho adulto, são as crianças que tem que ir para aula (Sr. D.S.S., 44 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

A partir do dístico o morador relata como as reservas de madeira anteriormente utilizadas na construção da casa são fontes de reutilização da madeira. É feito o reaproveitamento da parte da madeira não apodrecida. Porém, nem toda madeira guardada é originária de reutilização. Alguns moradores fizeram a aquisição também de madeira nova para realizar a suspensão da casa, sem deixar de reutilizar a existente.

A prática da suspensão apresenta-se como sendo uma das estratégias de adaptabilidade recursiva das famílias moradoras. Isto porque, são ações, atividades e práticas periódicas repetidas, aprendidas e transmitidas geracionalmente no sentido da adaptação apresentar-se como estratégia de vida dos seres vivos. Conforme aponta Morin (2011, p.81), elaborada a partir de uma capacidade de viver em um universo organizado comportando risco e incerteza e isso permite o desenvolvimento correlativo das estratégias cognitivas e das estratégias de comportamento.

Figura 04 - Representação fotográfica de madeira reserva localizada dentro da casa (A). E ao lado da casa (B). Bairro Santa Rita de Cássia. Cidade de Parintins. AM/BR

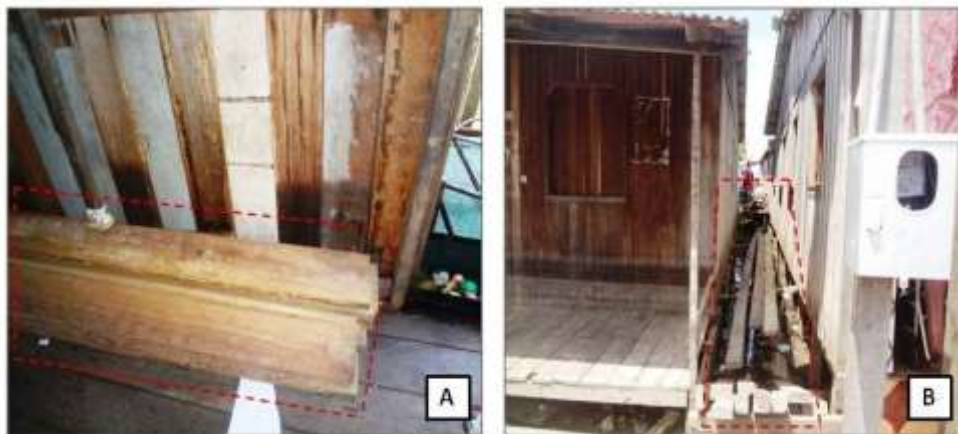


Foto: Mayara Lima, 2015

A segunda estratégia de adaptabilidade recursiva se dá em relação à preparação da casa para o período da cheia das famílias moradoras não possuidoras de casas de dois andares. De acordo com o nível da água, a casa é suspensa em uma altura do nível maior da água na cheia. Como relata o morador:

Olha hoje os vizinhos estão levantando as casas, eu tenho tempo que penso em levantar essa casa, agora pensa no meu problema (uso de cadeira de rodas), eu vou levantar essa casa lá em cima, aí que a altura dela deverá ser no mínimo aqui (acima da marca da maior cheia na parede), para poder ficar em um nível um pouco maior que a água né (Sr. D.S.S., 44 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

Desde a ocupação da área baixa as famílias moradoras vêm constantemente fazendo a suspensão das casas (Figura 05). E com as cheias grandes ao longo da ocupação da área as casas requerem novos processos de suspensão, mas é um trabalho árduo e dispendioso, é preciso pagar uma pessoa para realizar o serviço de carpintaria.

“As pessoas vão se adaptando conforme a cheia, vão suspendendo as casas” (Sra. A.O.C., 35 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

De acordo com os moradores, a suspensão é realizada por partes da casa, pois ocorre à permanência das famílias moradoras durante a suspensão, além de não haver condição financeira para realizar a suspensão da totalidade da casa de uma vez só.

A suspensão expressa o desejo de famílias moradoras na área, conforme a moradora

A gente não compra quase as coisas porque tem que suspender primeiro a casa, se for comprar as coisas a gente vai perder tudinho. A gente vai suspender ela, tem a madeira tudinho, telha que está lá na casa do meu sogro, para suspender ela, se Deus quiser (Sra. P.G.P., 26 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

Figura 05 - Representação fotográfica de casa em processo de suspensão. Vista frontal (A). E vista lateral da casa (B). Bairro Santa Rita de Cássia. Cidade de Parintins. AM/BR



Fotos: Mayara Lima, 2015

Suspender a casa também significa ter mais segurança para a aquisição de bens materiais para as famílias moradoras. Com as cheias, móveis e eletrodomésticos ficam sujeitos à perda, caso molhem apodrecem ou param de funcionar. Enquanto não suspendem a casa, a cada cheia com o pulso de inundação várias são as formas de adaptabilidade nas fases de seca (terrestre) e cheia (aquática). Como geralmente a fase aquática é mais desfavorável ou até catastrófica busca-se recuperar, durante a fase terrestre mais favorável, as perdas sofridas pelas famílias moradoras durante a fase desfavorável. Para Junk (1980, p. 783), as populações utilizam tais estratégias diante dos pulsos de inundação na fase favorável para garantir a sobrevivência durante a próxima fase desfavorável.

As famílias moradoras precisam suspender, então, todos os objetos da casa, colocando-os na maromba para não molharem. As famílias moradoras com as casas já suspensas relataram suas experiências:

Faz uns 17 anos que moro aqui (na residência). Faz dois anos que mandei suspender o assoalho e o telhado. A primeira que era mandei tirar tudo e usei a madeira. Antes de mandar suspender, ficava alagado todo esse assoalho. Eu ficava aqui mesmo, uma hora dessa eu estava n'água carregando tábuas para passar a noite (Sra. J.M.M., 73 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

Esse ano ainda foi bem melhor de que anos atrás, há três anos nós conseguimos reformar uma casa que nós tínhamos que a água invadiu a residência que não teve condição nenhuma de morarmos. A minha mãe de criação ainda morava com a

gente, aí tivemos que morar em quarto alugado. A água passou assim dois palmos acima do assoalho. Aí do ano passado para cá mandei mexer na casa, já esse ano mandei levantar o assoalho, a enchente já não tem muito volume (Sr. J.C.S., 47 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

O primeiro dístico destaca a reutilização da madeira da casa antiga para a suspensão da nova casa e a permanência da moradora em sua casa no período da cheia utilizando-se da maromba (“... estava n’água carregando tábuas...”) como estratégia enquanto ainda não havia suspendido a casa. O segundo dístico relata o fato da não permanência do morador em sua casa antes da suspensão, logo, no período da cheia, utiliza-se do aluguel de um local provisório para ficar até a água baixar.

As estratégias de adaptabilidade humana das famílias moradoras não se restringem apenas ao fato da preparação ao período da cheia, elas também são caracterizadas por seu objetivo contemplativo, estas estratégias serão destacadas agora.

O Plantar Suspenso: estratégias de adaptabilidade em vista da contemplação

A pesquisa de campo revelou estratégias de adaptabilidade humana em vista da contemplação. A contemplação (lazer) é um dos componentes da vida humana em sociedade. Sem o lazer, não há reprodução social totalmente garantida como ser humano. A contemplação não é meramente um ato estético, ela é um ato útil, uma estratégia de adaptabilidade das famílias moradoras para lhes dar prazer e benefícios em meio à poluição do sistema ambiental.

A partir da realização de práticas em agricultura nas áreas próximas as moradias, as famílias moradoras passam a ter o lazer mais próximo como uma medida compensatória recursiva para não ter dispêndio de força motriz. Assim, associa-se o ato de cultivar com a escolha de plantas com utilidade para as famílias moradoras, seja ornamental, medicinal, ou alimentício.

O plantio suspenso: prazer e utilidade

O plantio suspenso hoje se mantém como estratégia de adaptabilidade, pois não há a possibilidade de plantar nos quintais. Como pode ser observado nos dísticos dos moradores

Porque não tem utilidade essa área, não pode plantar uma bananeira, não pode plantar um ingazeiro, não pode plantar um jameiro que a água vem e mata [...] só dá para plantar se for em canteiro, suspenso, [...] (Sr. D.S.S., 44 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

Eu planto cebolinha, pimenta, para o meu consumo mesmo, tem que plantar suspenso porque plantar no chão é perigoso, porque pode estar contaminado, é muito lixo, essa água suja (Sr. A.O.C., 35 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

O plantar suspenso em canteiros também chamados como balcões podem ser realizados em material plástico reciclável. Algumas famílias moradoras fazem uso dos dois tipos na mesma área, tanto balcões quanto material plástico, conforme a figura 07:

Figura 07 - Representação fotográfica do plantio suspenso com uso de balcões e material plástico. Bairro Santa Rita de Cássia. Cidade de Parintins. AM/BR



Fotos: Mayara Lima, 2015

Outras famílias moradoras não usam balcões, fazem o plantio utilizando apenas o material plástico ou latas recicláveis (Figura 08):

O plantio que faço não utilizo madeira, reutilizo televisão velha, lata velha, separo as frutas podres para colocar na terra (Sr. A.O.C., 35 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

Figura 08 - Representação fotográfica do plantio suspenso com a utilização de recipientes reciclados como baldes e latas. Bairro Santa Rita de Cássia. Cidade de Parintins. AM/BR



Foto: Mayara Lima, 2015

A estratégia do plantio suspenso é altamente organizada, além de recicladora de materiais (matéria orgânica, plástico, baldes, latas, madeira, água), o prazer de plantar é percebido em associação a outras utilidades oferecidas pelas plantas, como uso alimentício, medicinal, ou ornamentação. O ser humano se esforça para encontrar as condições adequadas as suas necessidades: física, social, cultural, econômica, política. Ele utiliza “seu trabalho e suas relações socioculturais como instrumentos de mediação entre as expectativas de sobrevivência e as reais características ambientais” (FERRARA, 1999, p.62).

Apesar de passarem por desafios, as famílias moradoras das áreas alagadiças continuam realizando a atividade da agricultura, reconstruindo traços de sua cultura agrícola no ambiente citadino:

Eu adoro planta, se eu morasse em terra minha casa era mais cheia de planta. Aqui só dá pra plantar se for em vaso. Eu gosto das que dão flores. Eu já comprei cebolinha, fiz o balcão, tudinho [...] (Sra. J.M.M., 73 anos, Bairro Santa Rita de Cássia, PIN/AM, 2015).

Morar nas áreas alagadiças do Bairro Santa Rita significa o reconhecimento da influência das características geomorfológicas e hidrológicas da micro bacia hidrográfica local, produtora dos pulsos de inundação, onde o sistema foi modificado por atividades antrópicas (“...Aqui só dá pra plantar se for em vaso...”). As adaptações e estratégias utilizadas nas atividades de cultivo nos lugares do bairro apontam para a utilização eficiente da variação temporal da zona de transição nas fases aquática/terrestre, variando temporalmente de acordo com a sazonalidade. Estas práticas permitem identificar uma biocenose por tornarem-se atividades permanentes no seio de interações entre os seres vivos.

Segundo Morin (2011, p.67), a ideia de adaptação é enriquecida quando deixa de referir-se a ideia insuficiente de “meio”, passando a remeter, de fato, a uma biocenose, onde

se torna uma atividade permanente. Porém, com acontecimentos aleatórios próprios ao ecossistema ao qual está integrado. Ou seja, a adaptabilidade torna-se integração de uma (auto)-organização numa (eco)-organização. Assim, o ecossistema varia e transforma-se, e que a própria noção de adaptação varia e transforma-se.

Conclusões

Com os resultados do trabalho percebemos como apesar de haver comportamentos de moradores das áreas alagadiças em vista de prejudicar ou mesmo poluir o ambiente, existe também comportamentos em vista de transforma-lo em um lugar melhor de se viver. Comportamentos esses correspondentes às estratégias de adaptabilidade, e elas são estratégias de vida por meio das quais os moradores se organizam de forma estratégica de fato, unindo o útil ao agradável.

É notável como desde o planejamento da construção e manutenção das moradias, até as atividades de plantio dos moradores da área baixa do bairro Santa Rita são adaptadas aos riscos e incertezas de se morar em um sistema ambiental citadino alagadiço, e essa aptidão os permite não apenas sobreviver, mas desenvolver-se e assim, melhor viver.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: NUPPEA, 2010.

CASTELLO, Lineu. A percepção em análises ambientais: o projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

JUNK, Wolfgang Johannes. (1950). Áreas inundáveis: um desafio para a Limnologia. **Acta Amazônica**, 10(4): 775-795, 1980.

MORAN, Emílio F. **Adaptabilidade humana**: Uma introdução à antropologia Ecológica. Tradução de Carlos E. A. Coimbra Jr. E Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. 512 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

_____. **O método II: a vida da vida**. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre : Sulina, 2011. 527 p.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM):** evolução e transformação. (Tese doutorado). Programa de Pós Graduação em Geografia Humana – FFLCH/USP. Versão revisada. São Paulo, 2013. 155 p.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. **A Água e o homem na várzea do Careiro.** 2 ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998. 330 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Edeal, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. Tradução Ana Thorell. 4ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2010.